

## **A Igreja de São Francisco/Convento de Santo Antônio em João Pessoa - PB: evolução temporal e análise com base no olhar do turista**

---

**ADRIANA GUERRA MEDEIROS**

Universidade Federal da Paraíba

### **Resumo**

Este trabalho tem o intuito de analisar e explicitar o quanto o turismo cultural é importante para o resgate das raízes da população local e a preservação do seu patrimônio histórico e cultural. O patrimônio na versão turística volta-se, pois para sua segmentação do mercado ligado ao turismo cultural, histórico e na própria geografia. É um monumento da fundação da cidade de João Pessoa há mais de quatro séculos, tendo seus fatores políticos, históricos e sua própria temática do que hoje é a cidade, suas raízes e herança cultural. A sua riqueza artística gera no turismo uma expectativa de ocupação de renda para a população local, além de mostrar o monumento com seus elementos artísticos, arquitetônicos, históricos e de luta pela conquista da terra, mostrando, assim, sua importância para o turismo na cidade de João Pessoa/PB.

**Palavras-chave :** Patrimônio Histórico, Turismo, Aproveitamento econômico.

## **The Church of San Francisco/Convent of Santo Antônio in João Pessoa-PB: temporal evolution and analysis based on the look on the tourist's**

---

**ADRIANA GUERRA MEDEIROS**

Universidade Federal da Paraíba

### **Abstract**

This work aims to analyze and to explain how cultural tourism is important for the recovery of the roots of the local population and the preservation of its historical and cultural heritage. The patrimony in the tourist version turns, therefore, for its segmentation of the market linked to cultural tourism, historical and in the own geography. It is a monument of the foundation of the city of João Pessoa for more than four centuries, having its political, historical factors and its own theme of what today is the city, its roots and cultural heritage. Its artistic wealth generates in tourism an expectation of occupation of income for the local population, in addition to

showing the monument with its artistic, architectural, historical and struggle elements for the conquest of the land, thus showing its importance for tourism in the city of João Pessoa/ PB.

**Keywords** : Historical patrimony, Tourism, Economic exploitation

## **Introdução**

Neste trabalho o foco está centrado no Patrimônio Cultural, Histórico na versão da geografia cultural urbana, paisagística, turística pois as pessoas tem a curiosidade ou interesse em determinado fato histórico, a localização de determinado monumento, artefato, como é o caso da igreja São Francisco/ Convento Santo Antônio sendo a mesma construída há séculos passados, enfim conhecer suas origens , suas raízes culturais e de outros povos. Juntando um olhar geográfico e outros processos, existe a forma e função do espaço urbano ao longo dos séculos e sua interação com toda a sua totalidade, homem, lugar, tradição, história, urbanização. Segundo Moreira 2012, p.74: “A trajetória histórica da geografia tem trafegado no caminho na dos homens uma vez que a história dos homens é a história dos espaços geográficos, concretos , vemos no espaço a sua própria história”.

A construção da igreja São Francisco/Convento Santo Antônio, na cidade de João Pessoa – PB, data do início de 1585, segundo (Burity, 1984 pg 26), logo um pouco após sua fundação em agosto de 1585, (Melo 2002.p. 29). Fazendo com que a geografia, história e o espaço urbano se entrelacem a esse monumento. Seu valor enquanto patrimônio cultural é inestimável, não só para a cidade como para o país, entendendo este como o conjunto das realizações do espírito humano, incluindo-se a história de um país ou de um povo, construções, monumentos, artefatos, folclore, obras de arte, etc.

O Conjunto Franciscano, composto pela Igreja de São Francisco e o Convento Santo Antônio, situa-se na parte mais a Norte da Rua Duque de Caxias, sendo que o seu acesso se dá pela Rua Acadêmico Aloysio Sobreira (antiga rua ) hoje seu nome é Dom Ulrico, vindo da praça Dom Adauto. Pela parte Oeste o acesso ao Adro da Igreja pode dar-se pela ladeira de São Francisco, que tem ali seu início, descendo até a cidade Baixa, após passar pela lateral do antigo Colégio das Neves e casa da Pólvora, possui as seguintes coordenadas geográficas 7°06' 52:6'' S e a UTM( *Universal Transversa de Mercator*) 34°52'57.3'' W. -7 . 114617, -34.882575 .

A área central da cidade João Pessoa, conhecida como “Centro Histórico” é protegida pelo Governo Estadual através do Decreto Estadual n.º 9.484 de 10 de maio de 1982, e sua área foi delimitada pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba – IPHAEP.

A legislação que criou o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN – em 30 de novembro de 1937, durante vigência do Estado Novo via golpe de Estado, através do Decreto Lei número 25, definiu o que se constitui Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da História do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico (LEMOS, 1981). Na Carta Constitucional de 1946 e a de 1988, insere-se no seu texto a responsabilidade do Estado em relação à proteção do patrimônio. Desde então, o significado de Patrimônio tem sido enriquecido com uma visão mais crítica e abrangente, que busca identificar como tal, não só os bens arquitetônicos, obras de arte, como também os artefatos, os costumes etc, como está explícito na **Constituição de 1988**, assim expresso:

Art. 216 – Constituem Patrimônio Cultural Brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artísticas – culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.(Constituição de 1988).

A cidade de João Pessoa conta com uma quantidade de monumentos culturais, paisagísticos e artísticos muito importantes, apesar de alguns já terem desaparecido, inclusive devido a questão de urbanização da cidade.

De acordo com o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (1977) – Mirador Internacional “Monumento é a obra de arte levantada em honra a alguém ou para comemorar

algum acontecimento notável, construção ou obra de escultura digna de admiração por sua antiguidade ou magnificência; elementos que servem de base ao estudo dos séculos passados.

Por entender-se que o monumento também possui um significado abrangente, a exemplo do conceito de patrimônio, pode-se acrescentar à definição acima, que o mesmo pode ser representado por documentos escritos, artefatos, e outras criações do espírito humano, que servem de referência histórico – cultural. Não se pode, pois, separar tombamento, patrimônio e monumento, porque este bem tem necessidade de ser coberto por uma política de preservação.

No Brasil, pode-se afirmar que se perde muito de seus monumentos e artefatos, devido ao pouco interesse e desconhecimento do significado dos mesmos para a nação. Nos dias atuais, ocorreram em relação a conscientização para os aspectos cultural e histórico, mudanças que tem permitido a viabilização de políticas que buscam a preservação dos monumentos. Não se pode adotar uma política de preservação sem um conhecimento do que se pretende, sem um planejamento a fim de se obterem resultados positivos. Nota-se a necessidade de existirem projetos envolvendo o Estado e a população, e ainda no órgão competente de cada local, com o concurso do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional). Nesse contexto:

A grande maioria das cidades, principalmente as que dispõem de um processo de tombamento e preservação dos monumentos, o fazem sem a participação da sociedade, alijando-a do processo e dificultando a participação democrática da população, sem levar em consideração seus interesses e necessidades. Sendo assim, “Os agentes urbanos interessam-se pela venda da paisagem urbana histórica para se angariar lucro e renda nas cidades- que as paisagens são metamorfoseadas e desconsideradas como fator chave na construção de identidades.” (Costa, 2010; p. 142)

Compete, pois, ao gestor público a tática de promover esclarecimentos e conscientização, para que ocorram as transformações sem causar impacto, seja para a população, seja para os monumentos.

Destarte, existe a necessidade da descentralização do poder no âmbito do patrimônio, pois o mesmo merece o apoio e a junção de esforços em todos os níveis de poderes públicos, privado e da comunidade em geral.

O tombamento é um ato administrativo, existindo toda uma preparação para a sua realização, a fim de que o patrimônio natural ou cultural possa ser tombado. No caso do Brasil, é grande o acervo patrimonial do período colonial (Séculos XVI a XIX). No Brasil a primeira cidade tombada como patrimônio da humanidade, através da UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization), foi Ouro Preto.

O monumento em estudo teve dois tombamentos segundo dados do IPHAN a saber: a Igreja da Ordem Terceira de São Francisco, teve seu tombamento em maio de 1938; já o Convento e Igreja de Santo Antônio e Casa de Oração e Claustro da Ordem Terceira de São Francisco (conjunto arquitetônico), outubro de 1952.

Preservação é o ato de resgatar um passado, que pertence ao presente e ao futuro, pois se preservando os bens patrimoniais, guarda-se para gerações futuras a história e as riquezas culturais a eles associadas. Em vista de não existir, muitos estudos sobre o espaço em referência, a ser analisado do ponto vista geográfico e histórico, se fez um trabalho para avaliar a noção do quanto é importante a visão geográfica, cultural, histórica, urbanística e turística na cidade, pois nele existe uma variação de épocas e fatos, que observando desde a fundação da cidade, foi o mesmo palco de conquistas, lutas territoriais, envolvendo portugueses, espanhóis e mais tarde invasores holandeses.

O espaço físico do monumento, teve um olhar muito perspicaz pelos portugueses e espanhóis, quando aqui chegaram para formar a Capitania da Parayba, tendo todo um olhar geográfico, usando os acidentes geográficos, cartografia à época, a vegetação natural preexistente, bem como locais adequados para o plantio de sua subsistência, sendo pois isto importante para o plano de conquista e demarcação da territorialidade. Foram referencias o rio Sanhauá na cidade baixa, e subindo a colina a ocupação onde foi erguida a igreja/convento, não apenas pela religiosidade mas em especial, pela posição ter a facilidade de várias formas, para uma marcação territorial, além da existência de afloramento de água, e de rocha calcária, e fundamental para eles há época. Isto posto o demarcar territorial produzia ao mesmo tempo todo o esforço estratégico na conquista e manter-se em alerta contra os indígenas que aqui já viviam e seus outros rivais como holandeses. “A cidade de João Pessoa, foi construída estrategicamente devido aos constantes entraves com um breve olhar geográfico” Aguiar 2002, p. 18,19.

Com base no exposto, esse trabalho teve como objetivo geral analisar o conjunto formado pela Igreja de São Francisco/Convento de Santo Antônio e sua importância econômica e cultural para a cidade de João Pessoa.

A questão do turismo cultural, religioso não é apenas da visão histórica, geográfica no seu espaço e sim da visão do urbano e construção da cidade. João Pessoa tem seus encantos naturais, como os culturais com um Patrimônio Cultural rico, dando-se a devida importância de se analisar este tema, a fim de valorizar e difundir os valores culturais, artísticos e até mesmo o de raízes do povo da cidade, sendo assim um segmento também econômico em ascensão neste tipo de turismo cultural e na geografia cultural, uma inegável contribuição à cidade. De acordo com alguns autores da geografia principalmente a que aborda o cultural, veem que o turismo não chega a ser um atrativo novo, recente e sim de séculos atrás, só que visto de forma totalmente diferente da de hoje. Como relato de Cruz (2003, p.4-5): “O conceito de turismo é no léxico da geografia do turismo, o mais polêmico de todos, pois ele é, antes de qualquer coisa, uma prática social, que vem mudando de sentido ao longo da história... :( Santos Jean 2013, p.35).

Na literatura científica do turismo segundo Coriolano (1998, p.23, apud Santos, Jean , p.41): “ Escreve que vários conceitos de geografia estão no cerne da atividade turística como região, lugar, cidade, função e fluxo, e que “ conhecer a região , o lugar e as cidades significa ampliar as possibilidades de aproveitamento do potencial turístico “, contribuindo com os esforços de potencializar e promover o desenvolvimento regional turístico.

Com base no exposto, esse trabalho teve como objetivo geral, não só avaliar o conjunto formado pela Igreja São Francisco/Convento Santo Antônio em função do turismo histórico, geográfico como também na questão econômica em relação a comunidade local, mas também apresentar que o monumento, tem a sua extensão de suma importância em relação a toda a comunidade em geral e a quem a cidade procura, para fazer o uso do turismo no todo seja na orla, no centro. Sendo assim o monumento escolhido para observação, teve a questão centrada em relação a cultura e suas raízes, começando na escolha da construção até a sua finalização. O vasto conhecimento e enriquecimento desde a construção há mais de quatro séculos até hoje 2017, sua história, urbanização, geografia, arquitetura, artes; enfim, em todo o seu contexto apresentado e já citado, e ainda a explicitar durante o trabalho em estudo.

## **Procedimentos Metodológicos**

A metodologia utilizada em questão ao trabalho, foi primeiramente a bibliográfica, acervo de órgãos destinados aos cuidados e estudos sobre o Patrimônio e em especial o monumento em estudo, da cidade de João Pessoa, como também a sites da internet. Foi efetivado observação direta no local, no dia 29 de abril de 2017, num sábado.

Nesse dia a pesquisadora estava livre para a apuração de dados *in locu*, por já existir possibilidade de correlação a outros trabalhos de autoria da pesquisadora, e ainda, por saber que no final de semana existia a possibilidade de encontrar um volume maior dos turistas naquele local, o que de fato ocorreu pela presença de turistas de dois estados: Ceará e Sergipe; também ocorreu a presença de alguns transeuntes, cuja abordagem também estava prevista para levantamento de opinião dos mesmos.

Para tanto foram feitas 4 perguntas aleatórias aos turistas em número de doze (12), e duas perguntas aos transeuntes em número de dez (10), aos primeiros as perguntas foram: a) o motivo da visita; b) o que achou do local; c) algo que não agradou; e d) as lembranças que irão levar dessa visita. Aos transeuntes perguntou-se: a) se residiam na cidade; e a outra pergunta, b) o que achava do monumento da Igreja São Francisco/Convento Santo Antônio.

## **Resultados e Discussão**

### **Descrição do Centro Histórico de João Pessoa e seus aspectos urbanísticos:**

João Pessoa é a terceira cidade mais antiga do país, servindo sua fundação como marco inicial da colonização da Paraíba. Conforme se conhece de sua história, a cidade recebeu inicialmente o nome de Nossa Senhora das Neves, em virtude do tratado de paz, entre os índios da região, chefiados por Piragibe e os portugueses, representados por João Tavares, ter ocorrido no dia 05 de agosto de 1585 – dia dedicado a Nossa Senhora das Neves.

A conquista do território da então Capitania da Parayba e a fundação da cidade eram imprescindíveis para a colonização, e para o seguir em direção Norte, atingindo os atuais Estados do Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão e Pará.

Por inúmeras razões a cidade teve vários nomes até se firmar no atual. Os compêndios de história contam que, por ocasião da dominação espanhola chamou-se Filipéia de Nossa Senhora das Neves, em homenagem ao rei da Espanha, D. Felipe II. Já à época da invasão e conquista do território paraibano pelos holandeses, recebeu o nome de Frederickstadt (Frederica), numa homenagem ao príncipe de Orange, Frederico Henrique; bem mais tarde, no início de 1654, passou a Parahyba e depois a Parayba do Norte, denominação esta que permaneceu até 1930, quando a Capital da Paraíba se tornou João Pessoa, em homenagem ao presidente da atual Parayba do Norte assassinado em Recife.

A cidade começou a sua edificação na parte mais elevada, o que permitia maior visibilidade quando da aproximação de qualquer ataque inimigo ou qualquer navio que adentrasse o rio Sanhauá, facilitando sua defesa. A proximidade com o rio era também de grande importância para o escoamento e transporte de mercadorias.

A cidade de João Pessoa, como em boa parte do Brasil, tem uma herança cultural muito heterogênea, pois antes de ser “fundada”, pelos portugueses, ai existiam os índios que viviam na região da cidade conquistada e fundada.

As primeiras edificações localizavam-se na atual rua General Osório, então conhecida como rua Nova, onde existiram na mesma: cadeia, açougue, Casa da Câmara e as primeiras igrejas. Já nas imediações do rio Sanhauá, na parte baixa, foram construídos armazéns.

Não foram só os portugueses que contribuíram com a herança cultural, pois existiram: os índios; os espanhóis que por um tempo a governaram; e os holandeses que permaneceram aqui durante 20 anos. Todos eles pois, foram responsáveis pela construção do patrimônio cultural que hoje existe nessa localização do Centro Histórico a antiga cidade alta, em destaque neste trabalho.

Muitos dos prédios edificados pelos portugueses, hoje são considerados como patrimônio histórico e cultural. O que motivou a edificação de muitos desses prédios foi a vinda de religiosos para a cidade de Filipéia de Nossa Senhora das Neves, com a missão de catequizar os nativos. A cidade foi fundada em 1585, tendo sido escolhida como o seu sítio inicial a colina situada à margem direita do rio Sanhauá. Com a construção dos prédios que abrigavam os



órgãos administrativos bem como das igrejas e conventos, nascia um núcleo urbano obedecendo assim a uma ação planejada estrategicamente.

Citando Claval, (1999, p. 192) :“ na cidade opõem-se os bairros onde o dédalo das ruas estreitas e os becos limitam a vista – meios favoráveis à residência de grupos preocupados em preservar sua integridade e fechados à curiosidade dos outros...”

Cidade Baixa e Cidade Alta eram os dois planos, marcadamente separados, em que o núcleo urbano se dividia. A primeira, ocupada pelo comércio, quase sempre de portugueses, com firmas de exportação, tanto no atacado como no varejo. A segunda, erguida para exaltação de Deus e o exercício do poder, através de Igrejas, Mosteiros, Palácios e edificações de alto padrão, sempre em contraste com o casario miúdo que descia pelas ladeiras. (Medeiros, 2003, p. 17).

Onde edificou-se a igreja da padroeira Nossa Senhora das Neves, foram de onde saíram as ruas, a primeira descendo a encosta, assegurava a ligação com os armazéns do porto da escadaria para embarque das mercadorias, às margens do Sanhauá, a segunda, atual General Osório, ganhou denominação de rua Nova, onde tinha a câmara, o açougue e cadeia. Nesta mesma rua os Beneditinos levantaram seu mosteiro, os Carmelitas em seguida (Melo 2002; p. 30-31).

Segundo Oliveira, 2009; p. 81 apud Silva:

“[...] que a cidade tinha um formato de cruz, seis ruas e igrejas principais, onde o convento franciscano situa-se ao norte , no ponto que no seu topo seria a igreja da misericórdia ao sul, em sua base o convento Carmelita, a leste os beneditinos e a oeste os pontos de extremidade de seus braços”

Neste aspecto antes citado, da questão de mudanças e transformações, Santos (1980, p. 136) conceitua isso como rugosidade, a saber:

“As rugosidades como forma fazem parte do meio ambiente construído, fração do sistema de objetos, espaço que atestam as marcas

particulares da cultura, trabalho, sociedade, economia e tecnologia do momento histórico em que foram criadas, daí ser possível caracterizá-las ou não somente pelos aspectos físicos que apresentam, mas sobretudo pelas relações que as interconectam ao seu passado histórico”.

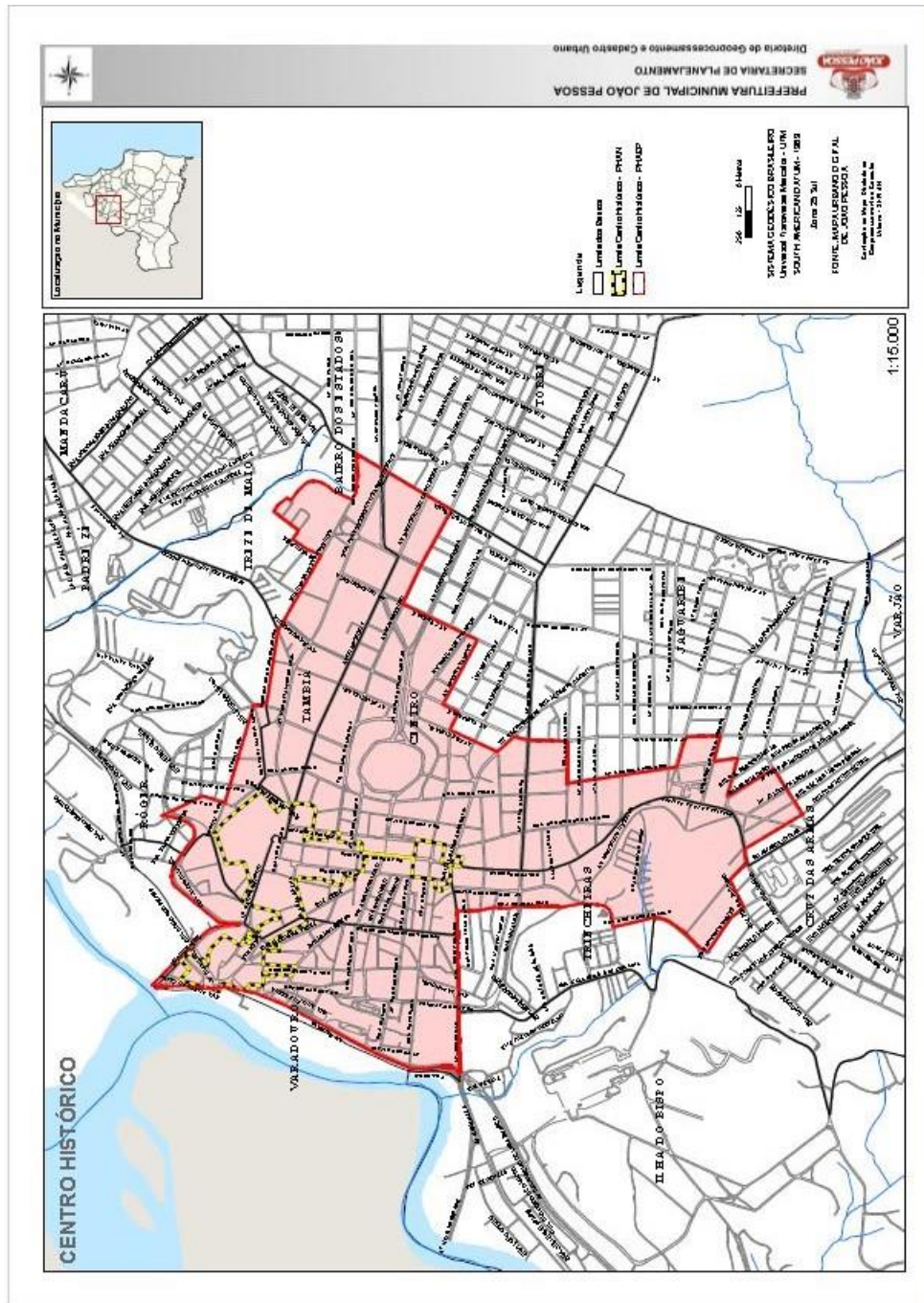


Figura 01- Mapa do CENTRO HISTÓRICO de João Pessoa/PB, elaborado pela Diretoria de Geoprocessamento e Cadastro Urbano, da Secretaria de Planejamento Fonte Site da Prefeitura de João Pessoa, 2006

## **O Monumento: um pouco da sua história e a relação com a cidade de João Pessoa:**

A primeira comunidade religiosa a pisar em terras paraibanas foi a dos franciscanos, que vieram no intuito de catequizar os indígenas da região, atendendo a Frutuoso Barbosa, que teria pedido a frei Melchior sua contribuição, já que o mesmo teria ajudado na fundação de alguns conventos como em Olinda, Salvador e outros. (Burity, 1984; p. 25).

Logo após, chegou o Frei Antônio Campo Maior e mais alguns franciscanos com o objetivo de ajudar ao frei Melchior na fundação do primeiro convento da capitania. O trabalho dos franciscanos não se ateve a um único fator, pois além da catequese com os índios eles também deram apoio aos que vieram para esta terra, vindos de Portugal, e trabalharam para construção do vasto conjunto arquitetônico que é a igreja e o convento. Frei Antônio Maior fora o primeiro guardião do mesmo, mas só ocupou este cargo durante 2 (dois) anos, pois foi transferido para Igarassu. Ele tratara com muito cuidado os nativos da região em catequeses e era muito bem visto por todos, tanto nativos (os índios tabajaras), quanto os colonizadores. (Burity, 1984; p. 27-28-29)

Ressalte-se que o mesmo foi quem procurou um local mais adequado para a construção do convento. Tanto que preferiu local próximo a área onde começara a fundação da cidade, em virtude de existir ali muita madeira, pedra calcária e água em suas fontes naturais, uma localizada no próprio convento. (Melo, 2002; p. 31).

A construção da igreja/convento demorou um pouco para ser iniciada, e de imediato construíram uma habitação para doze(12) frades e funcionamento dos cultos que ficaram prontas em meados de 1591, não eram definitivas servindo apenas para dar o suporte aos franciscanos que aqui estavam. (Barbosa, 1994; p. 30-31)

Em 1599, a construção foi interrompida, devido a desavenças entre os franciscanos e o então governador Feliciano Coelho de Carvalho e a sua forma de lidar com os nativos. Dessa forma: “A ação dos missionários franciscanos na Paraíba foi assim, cheia de sacrifícios e incompreensões, sempre envolvida em conflitos, ora com religiosos, com políticos, mas sempre voltada ao esforço da catequese e da proteção dos mais fracos (Burity, p. 36; 1984).

Quando ocorreu a invasão dos holandeses na Capitania da Parayba, estes tomaram o convento e o transformaram em quartel general e residência para o governador holandês, durou este domínio de 1634 a 1655. Nesta época as obras ficaram paradas, voltando quando os portugueses retomaram a capitania, com muito apoio do Frei Manuel dos Martírios. Arrastou-se esta construção ainda por mais 123 anos, quando em 1779 ocorreu a finalização da fachada da igreja. (Burity, 1984; p. 42)

A construção da Igreja só veio terminar no século XVIII, levando cerca de 200(duzentos) anos aproximadamente até como se encontra hoje. A reorganização do território religioso constitui uma tomada de consciência coletiva de que fatos religiosos são componentes importantes da cultura e devem ser levados em consideração como estudo da geografia.

O monumento teve várias utilizações ao longo de sua construção, pois além de convento e seminário, tinha a casa dos exercícios onde realizavam um momento de silêncio; vigília; cemitérios para pessoas ilustres serem enterradas. Nesse local, ainda hoje é um ponto que aguça nas pessoas a curiosidade sobre a existência de uma passagem, que teria sido construída pelos holandeses, para possibilitar a fuga para Cabedelo, o que não passa de uma lenda.

Em meados de 1894, o convento foi ocupado pelo governador da época que lá mantinha um hospital militar e uma escola de aprendizes de marinheiros, mas não durou muito pois o bispo retomou o convento. Foi hospedaria para imigrantes, seminário diocesano e colégio. (Burity, 1984; p. 42-63-88-94-95-105).

O uso da interpretação das imagens e os cenários conservam a sua centralidade num universo geográfico, gerando de um ponto de vista uma dimensão desse uso para uma questão de análise geográfica. Onde Essa territorialidade religiosa na abordagem da geografia cultural significa o conjunto de práticas desenvolvidas por instituições, grupos religiosos no sentido de controlar pessoas, objetos num determinado tempo/período.

Em Rosendahl Vol. 12 (2005, p.59): “A religião constitui um objeto de interesse de diversas disciplinas acadêmicas como a história, a sociologia, a antropologia e a geografia”.

Desde meados de 1979, a igreja e convento foram transformados em um museu de arte sacra barroca, moderna e popular, aberto à visitação.

É tradicional o uso desta igreja para casamentos das pessoas que moram na capital (na capela Casa da Casa de Oração Ordem Terceira de São Francisco), e ainda atende a grupos religiosos da população para retiro, devido ao local ser bucólico. Este museu, conhecido como Centro Cultural São Francisco, é onde se desenvolve com muita propriedade o aspecto turístico da visita a um dos atrativos marcantes do turismo cultural e histórico na cidade de João Pessoa. Este conjunto é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional desde 1938. Nesse caso:

“Na Paraíba, importante centro açucareiro do século XVII, é estilo barroco que vai caracterizar a arquitetura religiosa. Aí se encontram monumentos artísticos que por sua originalidade e beleza, são considerados pelos críticos de arte, em verdadeiras preciosidades, observando pela paisagem nordestina, são detalhes de fauna, flora e frutos que constituem o conjunto harmonioso dessas obras artísticas”. (Burity, 1984; p. 69-70)

Na igreja, encontra-se uma barra de azulejos antigos de cores puxadas para um xadrez azul e branco, vindos diretamente de Portugal por volta de 1734. O púlpito (Figura2) que se encontra na parede, diante do arco da Capela dos Terceiros (Figura2) é constituído de uma bela talha dourada, em que há um entalhe cujo gosto é típico da transição do Barroco ao Rococó.

Segundo Machado (apud, Barbosa, 1994, p.45) sobre o púlpito : “...são dignos de atenção o púlpito e as ombreiras das portas principais da igreja, que dão para o vestíbulo, obra perfeitamente executada, e que, entretanto, passa ali pouco percebida”.



Figura 02 :À esquerda o Púlpito da capela da Ordem Terceira, e no lado direito a Sacristia com cômoda e vista do painel do forro.

O púlpito, segundo Carrazoni (1981) “é considerado pela UNESCO como único no mundo inteiro, e possivelmente sofreu influência da arte indígena”.

O painel da igreja de São Francisco que recobre o seu teto, é uma obra de arte imponente podendo ser considerado como um dos mais belos monumentos feitos na época colonial. Do ponto de vista artístico, o que envolve a monumental xilopintura, o forro da igreja franciscana nesta cidade, é um suntuoso templo católico com seus balcões em que estão sentadas figuras eminentes da representação da igreja católica há época, a sacristia é bastante espaçosa, sendo idêntico à do convento que existe em Olinda.



Figura 03 – Lavatório em pedra calcária. Fonte: Medeiros, 2017

Merecem destaque a cômoda e armário feito em madeira tipo jacarandá (vide Figura 02) já citada acima. Ainda pode-se destacar o lavatório em pedra calcária (vide Figura 03).

Ainda no convento existe a fonte de Santo Antônio (Figura 04), localizada mais a oeste do Conjunto Franciscano onde a água vertia através da boca de um golfinho de pedra. Sabe-se que esta obra foi concluída em 1717. Ainda na fonte existe um chafariz antigo, um altar onde, possivelmente, existia a imagem de Santo Antônio.

Rodriguez (1994, p. 111) afirma ainda sobre a fonte “Esta fonte ainda serviu para fornecer água a população no período de 1877 na grande seca”.



Figura 04 – Fonte de Santo Antônio. Fonte: Medeiros (2017)

Há ainda no terreno deste conjunto franciscano, junto à área do Claustro, na posição mais a leste, um relógio do sol, embora “não se conhece o seu autor, apenas sabe-se que constitui mais um acervo cultural do convento” (Burity, 1984; p. 101).

Deve-se destacar ainda o frontispício e a torre da igreja, não deixando de citar o Cruzeiro monumental feito com o próprio calcário do local (Figura 5).



Figura 05– Cruzeiro Monumental. Fonte: Luiz Tadeu D. Medeiros (2003)

Percebe-se que, normalmente os franciscanos utilizavam-se muito o material calcário, comprovando a abundância, da pedra na região onde a cidade foi erguida.

A arte sacra deste conjunto é barroca, mas com traços brasileiro e nordestino, como o que se vislumbra com a representação de nossa realidade tropical, da região, como o caju. (Burity, 1984; p. 68-71). No Brasil a predominância desta arquitetura é muito forte, principalmente no Nordeste. Trata-se de uma mistura de elementos artísticos incrivelmente trabalhadas e que deslumbra até mesmo os mais leigos em arte sacra, seiscentista ou barroca.

O local onde o convento foi construído apresenta um cenário bucólico, parecendo que realmente parou no tempo. Existe ainda um rico e vasto pomar, com inúmeros tipos de frutas e um lago calmo, construído recentemente (final do Século XX), localizado próximo à fonte de Santo Antônio (Figura 06).



Figura 06 – Lago no Horto do Convento Santo Antônio. Fonte: Medeiros, 2017

Em João Pessoa, assim com o em todo o Brasil, houve uma concentração forte na questão da religiosidade da igreja católica romana na busca por essa territorialidade e conquista, ampliando assim seu espaço numa poderosa estratégia geográfica no controle tanto das pessoas como da posse de coisas. De acordo com Rosendahl (2002, p.43):



“É importante assinalar que a gênese das primeiras cidades está vinculada a apropriação, de um excedente de uma classe social que emerge, e que tem no aparecimento do estado e na força da religião os elementos de controle efetivo político, militar, institucional e ideológico, assegurando e justificando a dominação”.

Sendo assim não se pode separar os estudos geográficos (onde se encaixa esta parte do estudo em questão): das ideias simbolistas; da fé; dos monumentos; da questão de expandir o território. Portanto a igreja junto com os que conquistaram, fica com o poder, e ainda detentora de observação de seus conquistados, através da fé, levando a uma aculturação.

### **O Turismo Histórico e Cultural:**

A observação dos monumentos e paisagens segundo autores como Corrêa, Rosendahl, Costa, Santos (Milton), Santos(Jean), Claval, Aranha e Guerra, são vistos e analisados no cenário da pluralidade da história do lugar, da conquista do território e o motivo daquela espacialidade, focando na identidade e no poder. No monumento em análise, foram dos portugueses e espanhóis que dominaram o lugar. Portanto: “Nos monumentos, estão inscritas as representações que os homens fazem da história e da geografia. São elas portanto, parte da temporalidade e da espacialidade – complexas e variáveis – que caracterizam a ação humana”. (Corrêa, 2005, p. 39, Vol. 12)

No que diz respeito ao Turismo:

É o conjunto de deslocamentos voluntários e temporais determinados por causas alheias ao lucro; conjunto de bens e serviços e organizações que determinam e tornam possíveis estes deslocamentos e as relações e fatos que entre aqueles e os viajantes têm lugar (Arrilaga 1976, p.25, Apud, Barreto, 1995; p. 12.)

E ainda de acordo com a OMT (Organização Mundial do Turismo): “Sua definição refere-se a soma de relações e serviços resultantes num câmbio de residência temporária e voluntária motivado por razões alheias a negócios ou profissionais”. ( De La Torre, 1992;p. 19, apud Barreto, 1995; p. 12)

Há vários tipos de turismo, tais como: gastronômicos, de eventos, de esportes radicais, rural, de aventura, cultural, histórico, ecoturismo e outros. Quando se descrevem as atividades e atrativos, é que alguns tipos de turismo são melhor identificados e, com isso, suscitam mais curiosidades sobre os mesmos.

O turismo é, pois, uma atividade que se realiza a partir de uma necessidade que o indivíduo tem de descansar, de conhecer algo, de fugir do cotidiano e vários outros motivos.

Segundo Barreto, (1995; p. 21):

“O turismo cultural no sentido mais amplo seria aquele que não tem como atrativo principal um recurso natural. As coisas feitas pelo homem constituem a oferta cultural, portanto turismo cultural seria aquele que tem como objetivo conhecer os bens materiais e imateriais produzidos pelo homem.”

É possível dizer ainda, que o turismo cultural lida com dois elementos básicos que são a identidade dos povos e a diversidade cultural. (Medeiros, 2003; p. 13)

O turismo cultural se diferencia dos demais, pelas ofertas originais que são totalmente específicas como os valores criados pela natureza e pelo homem (cultura, tradição, história). Tendo em vista que esta atividade turística oferece oportunidades para se viajar não só ao local, mas também para outras épocas, sendo necessário que as pessoas responsáveis pelo acolhimento ao turista estejam preparadas para passar a ideia de preservação do monumento.

O turismo, a cultura, e o imaginário entram neste artigo justamente na questão da geografia aplicada ao turismo onde envolve as questões de localidade, expandir o conhecimento ou por simples curiosidade.

Segundo Caldeira, apud organizadores, Aranha; Guerra, 2014, p.133: “Fazer turismo é viajar por prazer, para fora do seu entorno habitual, surge da vontade de conhecer valores e costumes de outros povos”.

O turismo, a cultura, e o imaginário entram neste artigo justamente na questão da geografia aplicada ao turismo onde envolve as questões de localidade, a expandir o conhecimento ou por simples curiosidade.

Conforme Cruz (2003, p. 4-5) apud Santos, Jean (2013, p35): ” O conceito de turismo é no léxico da geografia do turismo, o mais polêmico de todos, pois ele é antes de qualquer coisa, uma prática social, que vem mudando de sentido ao longo da história.

Quando se trata do turismo histórico e cultural, percebe-se que esta atividade, se bem orientada, é fator de crescimento e de valorização do patrimônio. Por outro lado, se feito de maneira sem uma orientação muito bem concatenada, poderá depredar e extinguir os bens patrimoniais tanto culturais como naturais.

### **O olhar do turista sobre a Igreja de São Francisco/Conjunto de Santo Antônio**

Para o estudo do potencial e o uso do atrativo, formado pela Igreja São Francisco/Convento Santo Antônio, fez-se uma prospecção com turistas que se encontravam no local no dia 29 de abril de 2017, sábado pela manhã. As perguntas foram feitas de forma aleatória e observação direta.

Foram em torno de 12 pessoas, de Sergipe, onde encontravam-se também turistas do Ceará; foram poucas perguntas pois eles tinham cronograma a cumprir na visitação de todo o Centro Histórico, eram dois ônibus de turistas.



Figura 08- Turistas na nave central da Igreja São Francisco. Fonte : (Medeiros 2017)

Foram apenas quatro (4), perguntas, com respostas variadas.

Os turistas falaram das riquezas do local, da beleza e sentiram-se como em outra época, num silêncio avassalador. Alguns no entanto, reclamaram da Capela de Santo Antônio, onde sentiram odor desagradável de mofo no local, o resultou em que alguns não puderam ficar mais tempo devido a este incômodo. O motivo da visitação para sua maioria foi devido o agendamento anterior já feito pelas agências, onde os mesmos fizeram as reservas para a viagem; no entanto outros turistas falaram que gostam e tem interesse pelo tipo de visitação, além do prazer no saber, na cultura, na história e na arte; em relação ao local o monumento visitado, todos dos que foram consultados não tiveram nada a falar.

Ocorreu exceção, em não terem feito o passeio na área completa do Convento Santo Antônio, notadamente onde existe uma trilha que segue até a fonte de mesmo nome, e a um lago calmo, com muita vegetação e uma área com árvores frutíferas em abundância.

No que tange as áreas onde se fez a visitação, concordaram em alguns aspectos: o caráter bucólico, o silêncio e a questão das artes diferenciadas em comparação de conjunto franciscano existente em suas cidades, serem de arte mais diferenciada, que a existente no Conjunto Franciscano da cidade de João Pessoa: a magnitude da beleza real, sem máscaras do local.

Realçaram ainda os traçados, os elementos que fazem parte da obra como um todo, um lugar especial, principalmente para os que falaram em viajar para conhecer justamente a questão cultural da cidade de João Pessoa.

Nas explicações do orientador, que acompanhou os turistas, estes fizeram um breve comentário, já que trata-se do olhar do turista ao monumento. Os mais atentos em relação a história, geografia, arte e arquitetura disseram que foi resumido e de forma rápida, tanto nos locais que passaram e também a forma de contar sobre o monumento. A consciência desse grupo escolhido de forma aleatória, em ambos sexo e idade, aplaudiu a preservação em determinados locais não poderem tirar fotos para não danificar as imagens e o próprio monumento.

Já quanto ao Horto, não puderam opinar em relação ao que viram pois não puderam descer para ver a fonte, o lago e a parte arbórea do local, mesmo com um guia, pois a entrada para esta parte encontra-se hoje muito difícil de transitar podendo ocorrer acidentes. Ficaram decepcionados em não poderem descer.

Observações feitas por alguns deles, com relação a detalhes peculiares ao monumento do Conjunto Franciscano em João Pessoa, encantaram-se: com os móveis conservados (a cômoda e o armário em jacarandá ) vistos pelos mesmos durante a visitaçãõ; as lendas contadas (uma a do túnel que vai da igreja, ao Forte de Santa Catarina em Cabedelo) , mas sempre enfatizando a questão dessa descida ao Horto, não feita por eles.

Observaram ainda, que o local de construção desse monumento, fica em um ponto alto, onde se tem uma vasta vista do entorno, além de uma vasta área verde e da calmaria da região.

Alguns falaram ou fizeram questionamentos às autoridades, quanto aos interesses com local, não deixando-o abandonado, e tendo mais cuidados o mesmo, o que de certo levaria ao maior realce da grandiosidade, beleza, história e preservação do lugar, por isso a decepção de não realizar o passeio completo, pagando o mesmo valor.

A ida ao local foi de suma importância para a coleta de dados e dos fatos para autora, tanto como acadêmica, como e cidadã. Realce-se que os turistas se deslumbram muito com a grandiosidade da construção, a curiosidade de adentrar neste monumento, por questões das mais variadas, mas a maioria se interessam pela: história, arte, e a riqueza cultural do local.

Teve alguns transeuntes que passaram no local em torno de dez(10), sendo-lhe perguntado, se era daqui da cidade; e o que achava do monumento (Igreja de São Francisco).

Para espanto da pesquisadora, obteve-se a mesma resposta que em 2003, no primeiro trabalho da pesquisadora em outro curso, mas sobre o mesmo monumento, todos disseram ser de João Pessoa, e com relação a área em estudo, teve várias respostas; que só entraram para casamentos, outros disseram que só olhavam de fora e já achava bonito, e um pequeno número, que nunca se interessaram pelo monumento, mesmo sendo um quantitativo pequeno, no olhar da pesquisa não mudou muita coisa em relação a consciência da população.

## Considerações Finais

Esse trabalho demonstrou que o monumento estudado está estreitamente relacionado à história e a geografia da cidade de João Pessoa, em especial do seu Centro Histórico, em face dos momentos, fatos e elementos construtivos desde sua formatação urbana durante a colonização e ainda preservados até hoje.

Observe-se ainda, que os turistas e as pessoas da própria cidade, que estavam em visita ou não ao monumento, no dia da abordagem da pesquisadora, foram enfáticos ao descrever que o monumento representa a conquista, a história, acontecimentos políticos da cidade e que deveria existir um maior aproveitamento para todos, tanto pessoas de fora (turistas), como e principalmente para os que aqui moram.

Foi observado também, um outro aspecto que precisa de atenção, tanto da arquidiocese quanto dos outros órgãos, incluindo a UFPB (que é parte de cooperação ao melhoramento do monumento), no que se refere a ausência de manutenção e conservação do monumento.

Em relação a este trabalho, ocorreram muitas dificuldades, quanto a obtenção de algumas informações, pedidas a pessoas ligadas administrativamente ao monumento, talvez por ser um tipo de política do local. Isso ocorreu principalmente em relação a descida ao horto, fonte e lago. Constatou-se ausência de planejamento no que se refere ao quando seria reaberto os ditos locais ao público, obtendo-se silêncio neste mister. Em outras questões feitas ao gestor (Diretor do Centro Cultural, por parte da Arquidiocese), as informações obtidas foram evasivas, e muito curtas, deixando o trabalho estudado sem os dados mais precisos para o seu enriquecimento acadêmico.

Isto se impõe pela comparação que a pesquisadora observou na situação encontrada há 10 anos de visita in locu, com o que encontrou em abril de 2017. O primeiro desapontamento foi na descida ao horto do convento junto de sua fonte de água natural, pois o local para a descida encontra-se intransitável, diferente de 2003 quando a mesma acessou normalmente ao local para verificação e apuração de dados. Uma informação simples de obtenção, ela não conseguiu ter a informação precisa de qual data (ano), desde quando a descida ao lago/fonte está sem uso.

Observando o lugar Centro Histórico, e o objeto de estudo (o monumento da igreja São Francisco/Convento Santo Antônio) da cidade de João Pessoa, nota-se que não existe preocupação de divulgação dos mesmos, ou ainda um incentivo maior para o chamamento em conhecer e estar no local, pois os mesmos têm cunho importante para a economia e crescimento da cidade e conseqüentemente para a população neles existentes.

Portanto em relação há quatorze (14) anos atrás, pelo menos estava muito diferenciado no setor da visitação, em relação a todo no seu conjunto, o que hoje não está. Acredita-se que poderia sim ser feita uma estratégia dos órgãos de responsabilidade do local de intervenção (limpeza, restauração, mais pessoal treinado para execução das explanações sobre a história enfim todo o sítio abrangente), para esse monumento de mais atenção e reparação principalmente em épocas de alta estação (meses de maior movimento ao lugar de visitação) onde a cidade recebe grande quantidade de turista.

Um lado positivo que foi visto, é o aumento de escolas públicas e privadas ao conhecimento de toda a história e importância cultural, econômica do local, onde observou que ultimamente, nos últimos sete (7) anos, o monumento está sendo muito utilizado para concertos, mostras de arte de diversas áreas, para a população que vive aqui, sendo de suma importância pois, vai ao local para uma finalidade e acaba vendo todo o contexto real do lugar. Ainda a sua importância e uma maestria em artes e cultura, sendo assim uma forma de chamar a comunidade para valorizar o que é seu, e suas origens, todo sangue, luta, o crescimento da cidade que deu-se do centro cidade baixa e alta em direção a orla, fazendo uma transformação em vários aspectos, não só os culturais, mas os de crescimento urbano, e toda a urbanização na cidade e suas modificações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Wellington . Cidade de João Pessoa – A memória do tempo. João Pessoa: Edições FUNESC/ Ideia, 3º Edição, 2002
- ARANHA, Raphael de Carvalho, GUERRA, Antônio José Teixeira. Geografia aplicada ao turismo. São Paulo : Editora Oficina de Textos, 2014
- BARBOSA, Cônego Florentino. Monumentos Históricos e Artísticos da Paraíba. João Pessoa: Editora A União, 1994;
- BARRETO, Margarida. Manual de Iniciação ao estudo do turismo. São Paulo/Campinas, Editora, Papyrus, 1995;
- BRASIL. CONSTITUIÇÃO ( 1988). Constituição de 5 de outubro de 1988 com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais número 1/92 a 16/97 e Emendas Constitucionais número 1 a 6/94. – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1997;
- BURITY, Glauce Maria Navarro. A presença dos Franciscanos na Paraíba através do Convento de Santo Antônio. Recife(PE): UFPE - Mestrado em História(Dissertação), 1984. 156 páginas;
- CARRAZONI, Maria Elisa. Guia dos Bens Tombados Brasil. Proposta de Conservação e Restauração dos bens Móveis da Igreja e Convento de Santo Antônio. João Pessoa – PB. Salvador – Bahia : Editora Abril Cultural, 1981;
- CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural. Paul Claval: Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis; Editora UFSC, 1999
- CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zenny. Geografia: Temas sobre cultura e espaço. Rio de Janeiro; Editora EdUERJ , 2005, vol. 12;
- CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zenny( Organizadores) . Paisagem, tempo e Cultura. Rio de janeiro: EdUERJ, 1998. Coleção Geografia Cultural, vol. 2
- COSTA, Everaldo Batista. A Concretude do Fenômeno turismo e as Cidades Patrimônio – Mercadoria – Uma Abordagem Geográfica. Rio de Janeiro; Editora Livre Expressão, 2010;
- FLORENTINO, Vânia Molleta. Turismo Cultural. Porto Alegre: Editora Sebrae RS,2000 ;
- LE MOS, Carlos. O que é Patrimônio Histórico. São Paulo: Editora Brasiliense,1981;
- MEDEIROS, Adriana Guerra. Análise de monumentos da cidade de João Pessoa: a igreja de São Francisco/Convento Santo Antônio, e a praça João Pessoa, numa visão turística. 91f (monografia em Bacharel de Turismo) – Instituto Superior de Educação, João Pessoa, 2003;
- MELO, José Octávio de Arruda. História da Paraíba. João Pessoa: Editora A União, 2002;
- MIRADOR INTERNACIONAL. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., 1977;



MOREIRA, Rui. O que é Geografia. São Paulo, Editora Brasiliense, 20012. Coleção Primeiros Passos; Vol, 48

RODRIGUEZ, Walfredo. Roteiro Sentimental de uma Cidade. João Pessoa: Editora A União, 1994;

ROSENDAHL, Zeny. Espaço e Religião : Uma abordagem Geográfica, Rio de Janeiro: Editora UERJ, NEPEC, 1996 , Coleção Geografia Cultural , Vol.1.

SANTOS, Jean Carlos Vieira. Região E destino Turístico, Sujeitos Sensibilizados na Geografia dos lugares. São Paulo; Editora ALL Print, 2013

SANTOS, Milton – Por uma Nova Geografia. São Paulo, Editora Hucitec, 1980;

SILVA, José Flávio. Progresso e Destruição na cidade da Parayba: Cidade dos jardins. João Pessoa, Editora UFPB, 2009;

SITE: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1444>

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Lista%20Bens%20Tombados%20Dez%202015.pdf>

SITE: <http://geo.joaopessoa.pb.gov.br/digeoc/mapas/MAPA%20CENTRO%20HISTORICO.pdf>